

Latim Vulgar: representação do acento no plano multidimensional

José S. de Magalhães
Universidade Federal de Uberlândia



RESUMO – O objetivo deste artigo é analisar o acento no Latim Vulgar sob o ponto de vista da Teoria da Otimidade (MCCARTHY; PRINCE, 1993; HYDE, 2001), baseando-se no Plano Multidimensional do Acento, conforme proposto por Magalhães (2004). Argumentamos que o sistema simples do Latim Vulgar ignora as consoantes em coda para a composição métrica, de modo que soantes e obstruintes desempenham o mesmo papel. Além disso, mostramos que nenhuma referência à extrametricidade ou a NonFinality necessita ser feita para que tais consoantes sejam ignoradas.

ABSTRACT – The aim of this paper is to analyze the Vulgar Latin stress system under the light of Optimality Theory (MCCARTHY; PRINCE, 1993; HYDE, 2001), based on the Multidimensional Plan of Stress, as proposed by Magalhães (2004). We will argue that the simple system of Vulgar Latin ignores all the consonants in coda for its metrical composition, so that sonorants and obstruents play the same role. Moreover, we will show that it is necessary no reference to extrametricality or NonFinality to make these consonants ignored.

1 Introdução

Estudos sobre o Latim Vulgar normalmente se baseiam no Latim Clássico para descrever as diferenças entre uma e outra língua, situando a segunda como um estágio anterior à primeira (MASSINI-CAGLIARI, 1995; QUEDNAU, 2000). Sem a pretensão de se fazer uma análise diacrônica do Latim Vulgar, não nos debruçaremos sobre esse debate, pois nosso intuito é analisar a língua em um determinado momento histórico. Assim, o objetivo deste artigo é propor uma nova análise do Latim Vulgar sob o ponto de vista da Teoria da Otimidade

(MCCARTHY e PRINCE 1993; HYDE 2001) e sustentada no Plano Multidimensional do Acento, como proposto por Magalhães (2004). Para o cumprimento desse propósito, recorreremos antes a trabalhos em gramática histórica com a finalidade de se obterem os dados necessários para fundamentarem uma clara descrição da língua, a fim de determinar sua gramática de restrições com base na configuração métrica do Plano Multidimensional do Acento.

Este trabalho está dividido nas seguintes seções: inicialmente, fazemos uma apresentação teórica acerca do Latim Vulgar com objetivo de situar os dados historicamente documentados numa exposição que culminará com a análise do acento primário da língua pelo modelo de Hayes (1995). Argumentamos que o Latim Vulgar é uma língua essencialmente trocaica, independentemente de sua caracterização moraic ou silábica. Na seqüência descrevemos sucintamente as características do Plano Multidimensional do Acento, com a definição e a ilustração dos princípios que o compõem, para, finalmente, identificarmos, com base em restrições, a representação do Latim Vulgar no Plano Multidimensional do Acento. Neste ponto defendemos que nenhuma alusão à extrametricidade/*NonFinality* precisa ser feita.

2 O Latim Vulgar

Para definir o Latim Vulgar, é inevitável não relacioná-lo com a modalidade clássica. Por exemplo, a literatura em geral documenta que o peso silábico e a restrição da janela trissilábica são dois aspectos fundamentais para o Latim Clássico; no Latim Vulgar, no entanto, esses fatores devem ser vistos de outra forma, e por razões simples. Primeiramente, porque a língua popular não se valia da distinção quantitativa, sendo caracterizada por um acento intensivo. Exemplo disso são palavras do latim vulgar, como *acetu-* (> *azedo*, em português) e *sudore-* (> *suor*, em português), respectivamente em correspondência com *acētum* e *sudōrem* na modalidade clássica (MAURER Jr., 1959, p. 12); depois, porque o acento proparoxítono não existia na forma popular, configurando, pois, o Latim Vulgar como uma língua cuja restrição da janela de três sílabas teve seu papel significativamente fortalecido, já que não restaram palavras cujo acento fosse atribuído além da segunda sílaba a contar da direita da palavra. Palavras como *intégru-* (> *inteiro*, em português) e *colóbra* (> *cobra*, em português) do latim vulgar, respectivamente em correspondência com *íntegrum* e *cólubra* na forma clássica, exemplificam a segunda razão. Também o Appendix

Probi^{1,2} fornece inúmeros exemplos de palavras proparoxítonas do Latim Clássico, cujas formas equivalentes no Latim Vulgar são paroxítonas motivadas pela síncope da vogal postônica. Algumas são apresentadas a seguir:

- (1) *speculum non speclum*
masculus non masclus
vetulus non veclus
vitulus non viclus
vernaculus non vernaclus
articulus non articlus
baculus non baclus
angulus non anglus
(SILVA NETO, 1956, p. 53)

Silva Neto (1956) fornece outros exemplos que interpretamos como mais justificativas para a eliminação das palavras proparoxítonas no Latim Vulgar. Segundo o autor, “pode-se, sem exagero, falar numa repulsa ao hiato, repulsa essa que tende a desfazê-lo [...]. Com a semiconsonatização da primeira vogal, o hiato transformou-se em ditongo. Daí a criação de vários grupos formados por consoante e semiconsoante” (SILVA NETO, 1956, p. 71). Explica ainda o autor que, com a eliminação dos hiatos, transformados em ditongos, nesses grupos recém-formados, quando a consoante era palatalizável, houve “molhamento” (*baneu* > (por *balneu*) > **baniu* > *banyu* > *banho*; *palea* > *palia* > *palya* > *palha*); do contrário a semiconsoante desaparecia (*lanca* > *lancia* > *lancya* > *lança*) ou era atraída para a sílaba anterior (*basseu* > *bassiu* > *bassyu* > *baixo*). Depreende-se daí que a nova silabação e a nova configuração silábica transformam as palavras proparoxítonas em paroxítonas. Isso levaria à conclusão de que, por um caminho CV.CV.CV passa a CV.CGV³ que passa a CV.CV; por outro CV.CV.CV passa CV.CGV que passa a CVG.CV. Todavia, não é essa a conclusão a que chegamos. Como apresentado em (2) abaixo, em todos os casos o

¹ Assim se refere Silva Neto (1956, p. 31-32) ao *Appendix Probi*: “uma lista – evidentemente organizada por um professor para uso dos seus alunos – com duzentas e vinte e sete correções. O valor desse material consiste em que ele nos oferece material seguro e indiscutível”. O glossário completo pertencente ao *Appendix Probi* está em Silva Neto (1956, p. 53).

² Fritsch (1973 p. 126) nos informa que “Por volta do início do século IV foi escrito, por autor desconhecido, um tratado altamente interessante, que se tornou conhecido pelo nome de *Appendix Probi*, e que foi encontrado como apêndice a um estudo sobre gramática, realizado por um gramático de nome Probus, também desconhecido. O autor, pedagogo ou professor, tinha por finalidade combater certos vícios e negligências de linguagem, bem como ensinar a forma correta de expressão”.

³ C = Consoante; V = Vogal; G = Glide.

resultado da evolução das palavras é, em Português Brasileiro, uma seqüência CV. Isso nos leva a crer que, ainda no Latim Vulgar, essa seqüência já estava constituída, com o suposto glide anexado ao onset da sílaba final, o que mais tarde produziria uma consoante palatal. Dessa forma a estrutura silábica, no Latim Vulgar,⁴ das palavras que, no Latim Clássico, teriam um hiato final apresentam-se como abaixo:⁵

| (2) Latim Clássico | Latim Vulgar | Português Brasileiro |
|-----------------------------------|-------------------------------|----------------------|
| * <i>bá . ni . u</i> ⁶ | > <i>bá . n^yu</i> | > <i>bá . nho</i> |
| *CV.CV.V | > CV.CV | > CV.CV |
| <i>pá . li . a</i> | > <i>pá . l^ya</i> | > <i>pá . lha</i> |
| CV.CV.V | > CV.CV | > CV.CV |
| <i>lán . ci . a</i> | > <i>lán . c^ya</i> | > <i>lán . ça</i> |
| CVC.CV.V | > CVC.CV | > CVC.CV |

De um modo geral, a literatura tem atestado que Latim Vulgar e Latim Clássico compartilhavam praticamente todas as posições acentuais. As diferenças cruciais entre os dois sistemas estão alojadas na irrelevância da quantidade silábica na modalidade popular. Segundo Maurer Jr. (1959, p. 65), o acento do latim vulgar concorda, com poucas exceções, com o da língua literária. No entanto, adverte o autor, “como só a língua clássica nos fornece a chave do sistema, isto é, o

⁴ Não estamos aqui assumindo ou defendendo nenhuma teoria silábica em específico. A disposição que ora apresentamos é baseada apenas em constatações abstraídas a partir das informações fornecidas por Silva Neto e asseguradas pelos seguintes argumentos: 1) Silva Neto (1956) fornece os exemplos referidos como casos de hiatos a serem desfeitos, o que é o bastante para deduzir que as duas últimas vogais são heterossilábicas; 2) Nenhum dos exemplos citados se enquadra nos casos de mudança de acento fornecidos pela literatura (conforme apresentado mais adiante nesta mesma seção), o que exclui a possibilidade de o acento estar inicialmente posicionado na penúltima vogal; 3) Pelo resultado final da evolução das palavras citadas, conclui-se que o acento caía na antepenúltima vogal, conservando-se no mesmo segmento, porém agora situado na penúltima sílaba devido ao processo que fez o hiato desaparecer.

⁵ Segundo Silva Neto (1956, p. 71), anterior à eliminação do hiato, ocorreu um processo de fechamento de uma das vogais as quais passam pelos seguintes graus: de um lado *a* → *é* → *ê* → *i* → *y* (semivogal); de outro *a* → *ó* → *ô* → *u* → *w* (semivogal). Na avaliação do autor, ao atingir o grau de semivogal, conclui-se a transformação do hiato em ditongo. Nas representações em (14) retomamos os exemplos já com o processo de fechamento em seu penúltimo estágio, porém sem conceber nenhum ditongo e sim um onset com o glide em anexo.

⁶ O asterisco que antecede essas palavras e todas aquelas em que está atribuída uma relação de transformação refere-se a formas possíveis, ou hipotéticas no latim vulgar, ou seja, “Sempre que em todas a línguas românicas – ou quâsi tôdas – há consenso a respeito de quaisquer formas, não registradas nos léxicos latinos, é lícito deduzir delas o tipo vulgar de que saíram e que perpetuam, tipos que costumamos marcar com *asterisco*, a fim de indicar que são *conjecturais*” (Michaëlis de Vasconcelos, 1912/13, p. 8).

lugar do acento tônico se determina pela quantidade da penúltima sílaba, é claro que a língua vulgar pressupõe uma fase antiga em que a quantidade era comum a todo o latim". O autor aponta quatro casos em que a posição do acento tônico em latim vulgar se diferenciava do latim clássico:

a) A primeira diferença se dá quando a vogal da penúltima sílaba é seguida de um grupo consonântico constituído de *oclusiva+r*. Neste caso, o acento caía sempre nesta sílaba, o que não equivalia à posição do acento clássico, dependente da quantidade da vogal, da mesma forma que as demais sílabas abertas. Note-se, pelos exemplos abaixo, que nenhuma alteração de segmentos está presente, sendo toda a diferença motivada pela troca de posição do acento.

| (3) Latim Clássico | Latim Vulgar |
|--------------------|------------------|
| <i>íntegrum</i> | <i>intégrum</i> |
| <i>tónitrum</i> | <i>toníttrum</i> |
| <i>álacrem</i> | <i>alécrem</i> |
| <i>ténebras</i> | <i>tenébras</i> |
| <i>cólubra</i> | <i>colóbra</i> |

Essa característica do latim vulgar, ou seja, o predomínio absoluto de palavras com acento penúltimo, é uma importante fonte para a interpretação do português como tendo suas origens nesta modalidade lingüística. Basta, pois, verificar que as formas vulgares *intégrum*, *colóbra* resultaram, em português, nas palavras *inteiro* e *cobra* respectivamente, sendo a resistência do acento tônico o registro da manutenção dos laços entre esses dois momentos da história da língua portuguesa.

b) A segunda diferença se dá também no deslocamento do acento proparoxítono, clássico, para o paroxítono, vulgar. Enquanto o acento caía em um *ě* ou *ĩ* em hiato posicionados na antepenúltima sílaba, em concordância com a regra de quantidade do latim clássico, na língua vulgar a proeminência se deslocava para a vogal seguinte.

| (4) Latim Clássico | Latim Vulgar |
|--------------------|------------------|
| <i>filiólus</i> | <i>filiólus</i> |
| <i>lintéolum</i> | <i>linteolum</i> |
| <i>mulierem</i> | <i>muliérem</i> |
| <i>pariēte</i> | <i>pariēte-</i> |

Nunes (1975), sem perder de vista o caráter conservador do acento, explica as alterações descritas em (a) e (b) acima, quanto à posição do acento, como motivações meramente fonéticas. Conforme constata o autor, essas mudanças processadas no latim vulgar são

mantidas no português arcaico e ainda persistem no português contemporâneo.⁷

c) A terceira diferença diz respeito aos compostos. Maurer Jr. explica que nessas palavras o acento caía normalmente na sílaba acentuada do segundo elemento, mas na língua clássica a acentuação dos compostos se regia também pela quantidade da penúltima sílaba observada nas palavras simples. Assim, se o último elemento dissilábico de um composto tinha a primeira sílaba breve, acentuava-se a antepenúltima sílaba, isto é, o primeiro elemento, que em latim geralmente era um prefixo: *índicat*, *ím-plicat*, *cól-locat*, *pér-egre*. No entanto, como no latim vulgar já não havia relevância da quantidade, o acento caía no segundo elemento do composto.⁸ Logo, em latim vulgar tinham-se: **disfácit*, **contónet*, **defóris*, *implícit*, *iapplíco*, *dislígó*, *allígít*, *renégat*.

d) Finalmente, a quarta diferença apontada por Maurer Jr. refere-se às palavras estrangeiras, em que o latim vulgar conservava, até onde os hábitos da língua permitissem, a sílaba tônica de origem, sem levar em conta a quantidade da penúltima, que não constituía fato de fixação da mesma. A exceção fica para os empréstimos gregos que, quando entravam por via erudita, conservavam a acentuação culta inclusive submetendo-se ao princípio da quantidade da penúltima sílaba, como em *Sócrates*, *parábola* (MAURER Jr. 1959, p. 73).

Assim, o latim vulgar caracteriza-se como um sistema altamente simples no que diz respeito à estrutura métrica, uma vez que a quantidade das vogais não mais exercia função na língua e outros processos contribuíram para que, em poucos casos, o acento excedesse a segunda sílaba a contar da direita. Os casos de proparoxítonas ainda remanescentes são, segundo Nunes (1975 p. 68), se não de proveniência, pelo menos de transmissão popular. Cita o autor os seguintes exemplos: *érvodo*, *víborá*, *lídimo*, *dízima*, *dívida*, *hóspede*, *pêssego*, *lágrima*, *côvado* e *Évora* de *arbũto-*, *vipëra*, *legifĩmu-*, *decĩma-*, *debĩta-*, *hospĩte-*, *persĩcu-*, *lacřĩma-*, *cubĩtu-*, *Ebõra*. Em síntese o acento intensivo do latim vulgar estava confinado na segunda sílaba, independentemente da estrutura interna deste constituinte.

3 O acento no Latim Vulgar: análise métrica

A definição do acento primário do Latim Vulgar apresentada a seguir leva em conta que o sistema era dotado de palavras com acento

⁷ Outro aspecto do português moderno enraizado no latim vulgar é o seu sistema vocálico, preservado até hoje (Cf. Magalhães 2004).

⁸ O autor documenta ainda que há vestígios da acentuação antiga tanto em verbos quanto em compostos, ora por sobrevivência de velhas criações por não haver consciência da composição ou por empréstimos tomados do latim literário, como em *cóllocat*, *cómedo*, *cóperit* e *cólligít* (Maurer Jr. 1969, p. 72).

penúltimo, como registra a literatura revisada, de modo que as poucas palavras com acento antepenúltimo não serão consideradas⁹, dado o seu caráter de excepcionalidade. Tem-se, pois, para o latim vulgar os seguintes casos, destacando a estrutura das duas sílabas finais, domínio do acento:

(5) Acento Primário no Latim Vulgar

- a. CV̇ .CV: *colóbra, pariéte, catédra, linteólu, bá n̄u, pal̄a, etc.*
 b. CV̇ .CVC: *muliérem, spéclum, vernáclus, tenébras, alécrem, etc.*

Analisadas as estruturas acima sob o modelo de Hayes (1995), um troqueu é o tipo de pé que melhor identifica a língua, independentemente de sua caracterização moraica ou silábica. Visto do ponto de vista do troqueu moraico, tudo que se tem a fazer é construir um pé não-iterativo da direita para a esquerda, valendo-se do instrumento da extrametricidade para consoante final das palavras em (b). As configurações abaixo demonstram esse fato:

(6) O troqueu moraico no Latim Vulgar

- | | | | | |
|-------------------------------|-------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------|
| (x .) | (x .) | (x .) | (x .) | (x .) |
| a. <i>co.ló.bra</i> | <i>pa.ri.é.te</i> | <i>ca.té.dra</i> | <i>lin.te.ó.lu</i> | <i>bá.n̄u</i> |
| (x .) | (x .) | (x .) | (x .) | (x .) |
| b. <i>um.li.é.re<m></i> | <i>spé.clu<m></i> | <i>ver.ná.clu<s></i> | <i>te.né.bra<s></i> | |

Pelo troqueu silábico, o procedimento a ser seguido é construir um pé não-iterativo da direita para a esquerda, sem qualquer referência à extrametricidade, como mostramos abaixo:

- | | | | | |
|-----------------------|-------------------|--------------------|--------------------|---------------|
| (7) (x .) | (x .) | (x .) | (x .) | (x .) |
| a. <i>co.ló.bra</i> | <i>pa.ri.é.te</i> | <i>ca.té.dra</i> | <i>lin.te.ó.lu</i> | <i>bá.n̄u</i> |
| (x .) | (x .) | (x .) | (x .) | (x .) |
| b. <i>um.li.é.rem</i> | <i>spé.clum</i> | <i>ver.ná.clus</i> | <i>te.né.bras</i> | |

Portanto, as configurações acima são o resultado da soma do conjunto de processos que conspiram para ausência de acento primário fora do domínio da penúltima sílaba no Latim Vulgar e, assim, diferenciá-lo do Latim Clássico.

4 O Plano Multidimensional do Acento

A fonologia prosódica se assenta no postulado de que o acento é multidimensional, isto é, suas propriedades podem ser representadas em

⁹ Quednau (2000, p. 176-177) também apresenta uma descrição métrica do latim vulgar, sem considerar as poucas palavras proparoxítonas remanescentes na língua.

um plano abstrato que contém, em um nível, constituintes visualizados por marcas de grade, enquanto em outro nível se instala a descrição da estrutura prosódica. Neste plano geométrico, as marcas de grade refletem as relações de cabeça entre os constituintes fonológicos de maneira que, dentro de um constituinte dado, o cabeça deve ter uma marca de grade mais alta que qualquer elemento não cabeça do mesmo constituinte.

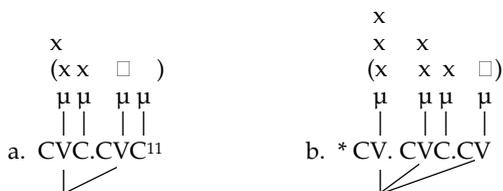
Toda essa estrutura multiplanar é definida por Magalhães (2004) em uma estrutura métrica denominada Plano Multidimensional do Acento, o qual é governado por um conjunto de três princípios fortemente sustentados pela literatura fonológica e comprovadamente capazes de eliminar qualquer referência especial à extrametricidade ou a restrições do tipo NONFINALITY para lidar com elementos não susceptíveis à aplicação de regras.¹⁰ Chamado de Controlador do Plano Métrico (CPM), o referido conjunto de princípios assim se compõe:

(8) Princípios do CPM

- a. **DTE** (Designated Terminal Element): somente ao elemento designado terminal de uma série é permitido o acúmulo de marcas na grade métrica;
- b. **σ -Projection** (Syllable Projection): toda sílaba (ou núcleo silábico) deve ter garantida uma posição (preenchida ou não) na grade métrica;
- c. **Descendancy** (Troqueu): toda posição na grade métrica deve ser seguida por um elemento descendente à sua direita.

Os exemplos abaixo ilustram configurações aceitas e configurações proibidas pelos princípios do CPM:

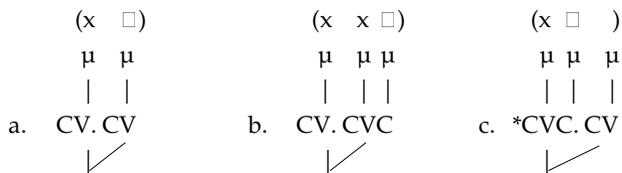
- (9) **DTE**: observe que configuração em (b) é eliminada, uma vez que a primeira mora da segunda sílaba acumula duas marcas de grade, embora não seja o elemento mais proeminente.



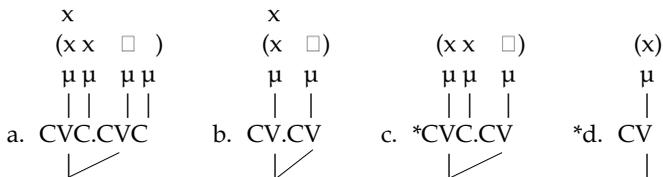
¹⁰ Ver Magalhães (2004) para aplicação do Plano Multidimensional do Acento ao Latim Clássico, Português Brasileiro, Macedônio e outras línguas, como recurso para eliminação de restrições NONFINALITY da Teoria da Otimidade, ou do instrumento da Extrametricidade da Fonologia Métrica padrão.

¹¹ “x” equivale a uma projeção preenchida na grade métrica (marca de grade), enquanto “□” equivale a uma projeção não preenchida (posição vazia).

- (10) **σ -Projection:** neste caso, a configuração em (c) é excluída porque a segunda sílaba não projetou qualquer posição na grade métrica:



- (11) **Descendancy:** a configuração em (c) desrepeita este princípio por ter duas colunas de mesma altura na grade, enquanto (d), com única marca de grade, não apresenta nenhum elemento descendente à direita.¹²



Em suma, o CPM assegura à grade o papel de restringir a liberdade das projeções no plano métrico de maneira que somente o acento primário possa atingir a segunda linha na grade, posição suficientemente necessária que o plano multidimensional lhe confere para que tal proeminência seja apropriadamente interpretada. Juntamente como isso, a relação proeminência/constituente estará garantida, já que toda sílaba terá sua projeção e toda projeção preenchida terá um dependente. Qualquer configuração que atente contra o CPM é, pois, imediatamente excluída. Destaca-se, por fim, que esta proposta exclui por completo o uso do recurso da extrametricidade ou de NONFINALITY, conforme apresentamos mais adiante.

Passemos, então, à análise do Latim Vulgar a partir do Plano Multidimensional do Acento.

¹² Note-se que este princípio exige minimamente duas projeções da grade métrica o que sustenta a minimalidade da palavra em duas moras ou duas sílabas (ver PRINCE, 1983; HAYES, 1995 e MAGALHÃES, 2004).

5 O acento do Latim Vulgar no Plano Multidimensional

Observada a análise do Latim Vulgar apresentada na seção 2 deste artigo, conclui-se que uma das principais características da língua está no fato de que o acento jamais ultrapassa a segunda sílaba a contar da borda direita da palavra. Portanto, o Plano Multidimensional do Acento, policiado pelos princípios controladores do plano métrico – o CPM –, deve garantir que o acento jamais se aloje fora no domínio da janela de duas sílabas, independentemente da configuração silábica que se apresente. Mais do que isso, os dados nos revelam que o acento, independentemente da estrutura interna da sílaba final, recai na penúltima sílaba, uniformemente.

Em virtude disso, um complicador para explicar tal fenômeno sob esta abordagem, a qual exclui NONFINALITY para lidar com os outrora chamados elementos extramétricos, seria o fato de que palavras paroxítonas terminadas em consoantes devem, de algum modo, ter essa consoante desconsiderada para a atribuição do acento; isso para descartar de vez o papel deste segmento no possível acréscimo de peso à sílaba final, o que poderia atrair o acento para tal posição. Portanto, já que NONFINALITY não é a solução, o modelo tem que dar conta de outro caminho para resolver esta questão com a finalidade de assegurar que o acento sempre recaia na segunda sílaba a contar da direita, qualquer que seja a estrutura das sílabas.

Dadas essas considerações, prossigamos, pois, à análise dos dados, começando pelas palavras com as duas sílabas finais CV, o que chamaremos de Caso 1. Na seqüência enfocaremos as palavras que terminam em sílabas CVC, ou Caso 2.

5.1 Caso 1: ...CV.CV

Para assegurar o acento na penúltima sílaba em Latim Vulgar, nos casos em que a sílaba final é leve, três restrições entrarão em jogo. Ranqueadas mais alto, GRID- μ HEAD e RIGHTMOST vão garantir que uma projeção na grade seja preenchida apenas quando esta ocorrer sobre a mora cabeça do pé e o pé cabeça estiver alinhado com a borda direita da palavra, respectivamente. Ranqueada mais baixo, PARSE- σ demandará a escansão de todas as sílabas:

- (12) Restrições em ação no Latim Vulgar
- b. GRID- μ HEAD: marca de grade deve ocorrer apenas sobre a mora cabeça do pé;
 - c. RIGHTMOST: a borda direita do pé cabeça deve estar alinhada com a borda direita da palavra prosódica;
 - d. PARSE- σ : sílabas devem ser escandidas.

(13) palavras CV.CV: /colobra/

| /colobra/ | RIGHTMOST | GRID- μ HEAD | PARSE- σ |
|--|-----------|------------------|-----------------|
| $\square(x \square)$ $\mu \mu \mu$ $ $ a. \varnothing co lo bra \checkmark | | | * |
| $(x \square) \square$ $\mu \mu \mu$ $ $ b. co lo bra \checkmark | *! | | * |
| $x(x \square)$ $\mu \mu \mu$ $ $ c. co lo bra \checkmark | | *! | * |
| x $(x x \square)$ $\mu \mu \mu$ $ $ d. co lo bra \checkmark | | *! | |

O candidato (d), com todas as sílabas escandidas em um único pé, satisfaz a restrição ranqueada mais baixo PARSE- σ , mas é eliminado por apresentar uma marca de grade sobre a segunda mora, a qual não é cabeça do pé, violando assim GRID- μ HEAD, posicionada alto na hierarquia. O candidato (c) é eliminado devido à presença de posição preenchida sobre a mora de uma sílaba não escandida, o que viola não somente GRID- μ HEAD como também PARSE- σ . A eliminação do candidato (b) se dá pela construção do pé desalinhado com a borda direita da palavra, uma vez que este é o único pé e também o cabeça. Por deixar a sílaba final fora do pé, uma violação a PARSE- σ também acontece. O candidato (a), embora viole a restrição mais baixa PARSE- σ , por não escandir a sílaba da esquerda, possui um único pé, porém erigido na margem direita da palavra, satisfazendo assim a restrição alta RIGHTMOST; além disso, a única marca de grade situa-se sobre a mora cabeça do pé, como demanda GRID- μ HEAD. Logo este candidato surge como vitorioso.

5.2 Caso 2: ...CV.CVC

A qualidade do segmento na rima para a projeção de posições na grade deve sempre obedecer ao ranqueamento fixo determinado pela escala universal de sonoridade em que PROJECT-SON está ranqueada acima de PROJECT-OBST. Esse ranqueamento assegura que, se uma consoante projeta uma marca de grade, é melhor que tal segmento seja uma soante. A referência à projeção de vogais não se faz necessária, porque isso já está garantido pelo CPM por meio do princípio σ -projection. Esse procedimento também se aplica obedecendo-se a um raciocínio inverso, segundo o qual as marcas de grade, e não os segmentos, devem atender também à escada de sonoridade. Isso significa que, de forma independentemente lógica, as posições no plano métrico vão preferir segmentos de mais alta sonoridade, a começar pelas vogais,¹³ seguidas pelas consoantes soantes e, em último lugar, as consoantes obstruintes, como ilustra o ranqueamento abaixo, seguido da definição de cada restrição:

(14) POSITION-V » POSITION-SON » POSITION-OBST

- (15) a. POSITION-V: posições na grade métrica devem ocorrer sobre vogais.
b. POSITION-SON: posições na grade métrica devem ocorrer sobre consoantes soantes;
c. POSITION-OBST: posições na grade métrica devem ocorrer sobre consoantes obstruintes.

Tendo em vista a composição silábica do Latim Vulgar e a ocorrência do acento primário sempre sobre a penúltima sílaba, POSITION-V estará posicionada alto na hierarquia da língua, enquanto POSITION-SON e POSITION-OBST estarão ranqueadas bastante baixo, pois, em momento algum, nenhuma projeção na grade ocorrerá sobre uma consoante, qualquer que seja a sua natureza. Esse entendimento elimina completamente o papel que a restrição NONFINALITY poderia ter no Latim Vulgar.

Além das restrições ranqueadas na seção anterior e de POSITION-V, outra restrição de fundamental importância no Latim Vulgar é μ -PROJECTION, a qual eliminará candidatos que tenham projetado uma mora, porém sem posição no plano métrico:

(16) μ -Projection: toda mora deve projetar uma posição na grade.

¹³ Observe que o CPM, por meio de σ -PROJECTION, não diz nada sobre onde, no plano métrico, as posições devem ocorrer. Ele diz apenas que o núcleo silábico deve projetar uma posição na grade, ou seja, esse princípio coordena um elemento a projetar posição, não as posições projetadas.

(17) Palavras CV.CVC: /vernaclus/

| /vernaclus/ | POSITION-V | GRID- μ HEAD | PARSE- σ | μ -PROJ |
|---|------------|------------------|-----------------|-------------|
| \square (x \square) μ μ μ a. φ ver na clus  | | | * | |
| \square (x \square) μ μ μ μ μ b. ver na clus  | | | * | *! |
| \square \square (x \square) μ μ μ μ c. ver na clus | *! | | ** | |
| x (x x \square) μ μ μ \wedge d. ver na clus  | | *! | | |

O candidato (d), com acento antepenúltimo, viola a restrição GRID- μ HEAD ao apresentar uma marca de grade sobre uma mora não cabeça, situação demonstrada pela segunda sílaba; logo ele é eliminado. O candidato (c), que revela acento final, mostra-se com uma posição na grade sobre consoante, o que vai contra o requerido pela restrição POSITION-V, ranqueada alto, e por isso também é eliminado. O mesmo candidato, ao deixar duas sílabas sem escansão viola duplamente PARSE- σ , porém, sem grandes efeitos, dada a eliminação por POSITION-V. Os dois candidatos restantes, com acento penúltimo, diferenciam-se pelas configurações métricas. Tanto (a) quanto (b) possuem uma sílaba não escandida, violando assim PARSE- σ . No entanto o candidato (b), mais complexo estruturalmente do que (a), viola a restrição μ -PROJECTION devido ao falto de a consoante final ter projetado uma mora e esta não ter projetado uma posição na grade, sendo, pois, eliminado e fazendo emergir o candidato (a) como vencedor. Uma importante conclusão sobre essa análise é o fato de a hierarquia captar com extrema acuidade a simplicidade do sistema operacional do acento primário do Latim vulgar, o que se revela também na saída como *output* do candidato mais simples estruturalmente. Finalmente,

um candidato que, porventura, acentuasse a penúltima sílaba sem que a sílaba final fosse escandida, seria imediatamente excluído por RIGHTMOST, restrição dominante do Latim Vulgar, como demonstrado no primeiro tableau.

Tendo, pois, conferido o papel crucial das restrições que se referem a marcas de grades sobre consoantes, qualquer que seja a natureza destes segmentos, um *output* com coda final soante terá a mesma configuração de um *output* com coda obstruinte, como ilustra o Tableau abaixo:

(18) Palavras CV.CVC: /integrum/

| /integrum/ | POSITION-V | GRID-μHEAD | PARSE-σ | μ-PROJ |
|---|------------|------------|---------|--------|
| □ (x □) μ μ μ a. in te grum ✓ | | | * | |
| □ (x □) μ μ μμ b. in te grum ✓ | | | * | *! |
| □ □ (x □) μ μ μ μ c. in te grum | *! | | ** | |
| x (x x □) μ μ μ ^ d. in te grum ✓ | | *! | | |

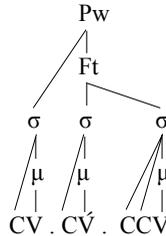
Uma importante observação acerca das análises conferidas nos Tableaux (17) e (18) é explicitação do quão irrelevante as consoantes na coda são para a configuração da estrutura métrica da língua. Isso se traduz na constatação de que, independentemente da qualidade do segmento na coda, o acento do Latim Vulgar considera apenas o núcleo silábico, sendo todas as sílabas leves qualquer que seja sua estrutura. Além do mais, a invisibilidade dessas consoantes advém como um epifenômeno da hierarquia de restrições, de modo que nenhum recurso como o instrumento da extrametricidade, traduzido em NONFINALITY, precisa ser requisitado.

6 Conclusão

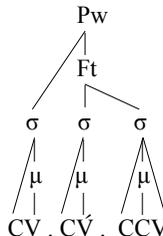
Neste trabalho, mostramos que o acento penúltimo do Latim Vulgar caracteriza-se por ignorar qualquer menção à estrutura silábica, o que é garantido pelo papel importante das restrições que coordenam as posições na grade métrica com relação ao segmento ao qual estejam relacionadas. Com isso, NONFINALITY não se incorpora à gramática da língua, pois a consoante final não projetará qualquer posição no plano métrico, conforme demanda a hierarquia de restrições que coloca POSITION-V num lugar privilegiadamente alto no *ranking*. Assim sendo, a estrutura métrica mais simples será sempre a vencedora, captando, desse modo, a simplicidade de um sistema que acentua regularmente a penúltima sílaba. Importante ratificar que qualquer candidato que acentue a antepenúltima sílaba será sumariamente eliminado por GRID- μ HEAD se escandir todas as sílabas em um único pé, ou por RIGHTMOST se permitir que o pé se desloque da borda direita da palavra. Finalizando, o núcleo silábico é, no Latim Vulgar, o único elemento da sílaba que projeta mora, e conseqüentemente posição no plano métrico. Qualquer elemento na coda, seja este soante ou obstruinte, será associado diretamente ao nó da sílaba, como revelam as estruturas prosódicas plenas apresentadas abaixo, que traduzem as configurações vencedoras, como demonstrado nos Tableaux presentes neste artigo:

(19) Estrutura plena do Latim Vulgar:

a. ...CV.CV “co.ló.bra”, “ca.té.dra”, “bá.nʸu” etc.



b. ...CVC “ver.ná.clus”, “in.té.grum”, “vé.clus” etc.



Referências

- BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. (2ª reimp.). Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- FRITSCH, T. Latim Vulgar – esboço histórico e lingüístico. In: *Língua e Literatura*, São Paulo, ano II, n. 2, p. 123-131, 1973.
- HAYES, B. A Métrical Theory of Stress Rules. Tese (Doutorado). Cambridge, Mass.: MIT, 1995.
- HYDE, Brett. *Nonfinality*. Washington University. Disponível em: <http://www.roa.rutgers.edu>, 2003.
- HYDE, Brett. *Metrical and prosodic structure in Optimality Theory*. 2001. Dissertation (PhD) – Rutgers University, New Brunswick, New Jersey. Disponível em: <<http://www.roa.rutgers.edu>> 2001.
- MAGALHÃES, J. S. de. O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MAURER JR., H. T. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Campinas/IEL, Campinas.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint interaction and satisfaction*. Technical report 3, Rutgers University Center for Cognitive Science, Mit Press, 1993.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa* (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de Português Arcaico. Serie A – Língua Portuguesa. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.
- PRINCE, A. Relating to the grid. *LI*, v. 14, n. 1, 19-100, 1983.
- QUEDNAU, L. R. *O acento do Latim ao Português Arcaico*. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SILVA NETO, S. da. *Fontes do Latim Vulgar – O Apendix Probi*. 3. ed. revista e melhorada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.
- SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- VASCONCÉLLOZ, A. G. R. de. *Grammática histórica da Língua Portuguesa*. Paris: Typ. Aillaud, Alves et Cia., 1900.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. Instituto Nacional de Educação, MEC, 1961.